

| | | |
|-----------------------|---|--------------------------------------|
| <input type="radio"/> |  | Nome: Viviani Harumi |
| <input type="radio"/> | | Idade: 27 |
| <input type="radio"/> | | Nacionalidade: Japonesa |
| <input type="radio"/> | | Origem étnica: Japonesa e brasileira |
| <input type="radio"/> | | |
| <input type="radio"/> | | Facilitadora Multicultural |
| <input type="radio"/> | | |

Meu pai imigrou para o Brasil quando criança. E coincidentemente, a história se repetiu, pois eu também vim ao Japão quando criança.

Por residir a maior parte da minha vida no Japão, percebi que era necessário aprofundar os conhecimentos sobre o “multiculturalismo”, e por esse motivo decidi participar do curso.

Desde que cheguei, sempre estudei em escola japonesa. No início, a adaptação foi difícil porque eu não sabia o idioma e os seus costumes. Inclusive, por ter sido a primeira estrangeira na escola, fui o centro das atenções. Com o decorrer do tempo, fui perdendo algumas amizades. Mas eu ia sem falta todos os dias para aprender logo o idioma para assim, poder me comunicar.

Por causa do emprego dos meus pais, tivemos que mudar, e foi assim que vim para Hamamatsu. Na época já tinha brasileiros por aqui, e fiquei muito feliz em encontrar com os meus conterrâneos.

Já no ginásio, foi um período muito difícil e devido a vários fatores, cheguei a pensar em desistir. Mas a professora me incentivou a prosseguir, já que não saberia quando retornaria ao Brasil.

No colegial, me adaptei melhor. Havia outros alunos brasileiros na sala, e sempre um ajudava o outro, o qual me ajudou a estimular mais nos estudos. Comecei também a trabalhar para ajudar os meus pais e arcar com as despesas dos meus estudos. Por eu ainda estar residindo no Japão, reconheço que pelo fato de não ter desistido, valeu a pena. Apesar das dificuldades enfrentadas, hoje levo a vantagem de desfrutar os dois idiomas e viver bem.

Fazer parte das duas culturas é um grande privilégio, pois os dois países me completam. Caso tenha que escolher um, seria impossível, pois faltaria algo.

Aos jovens como eu que vieram ao Japão quando criança ou os que nasceram aqui, mesmo que tenham desistido de estudar, nunca é tarde para recomeçar e reavivar os sonhos que ficaram para trás.

Este curso foi uma ótima oportunidade para refletir a minha estadia no Japão. Independentemente do país em que vivamos, é fundamental tentar compreender o próximo para a integração na sociedade.

Atividade: Dissipando o estereótipo

1. Meta

Quando as pessoas possuem uma imagem pré-definida dos estrangeiros, pode-se levar ao preconceito e à discriminação. Então, ao fazê-los perceber de que nem todos os estereótipos se aplicam a um estrangeiro quando o enxergamos individualmente, poderão compreender a importância de vê-los como indivíduos ao invés de julgá-los apenas por sua nacionalidade.

2. Apresentadora

Viviani Harumi

3. Público-alvo

A partir do primário a adultos em geral

4. Duração

30 minutos

5. Quadro de programação

| Duração | Objetivo | Descrição | Preparativos |
|---------|---|--|--|
| 10min. | <ul style="list-style-type: none"> • Discutir a imagem dos “brasileiros” | <ul style="list-style-type: none"> • Perguntar qual a imagem dos “brasileiros” • Pedir para escrevê-las individualmente no Post It • Formar grupo de 4 pessoas, e falar as respectivas imagens que escreveram → Apresentação a todos da sala → Escrever na lousa | <ul style="list-style-type: none"> • Lousa • Pincel atômico • Post It (5 folhas por pessoa) • Lápis |
| 10min. | <ul style="list-style-type: none"> • Apresentar as imagens dos japoneses no Brasil. • Confirmação de que nem sempre a imagem dos japoneses é correspondido se analisados individualmente. | <ul style="list-style-type: none"> • Em seguida, entregar a lista das imagens. → Pedir para marcar com ○ ou × os itens que lhe são aplicáveis. → Compartilhe as respostas ao grupo. • Revelar que na verdade, essas são as imagens dos japoneses no Brasil. • Ler os itens da lista e pedir às pessoas que marcaram ○ a levantarem a mão. | <ul style="list-style-type: none"> • Lista das imagens dos japoneses (Ex.: inteligente, craques em matemática, evitam de olhar nos olhos, sashimi todos os dias, adoram games, rico, confiável, frio, diligente, vergonhoso, bons em informática, baixinho, reservado, honesto) |
| 10min. | <ul style="list-style-type: none"> • Conclusão | <ul style="list-style-type: none"> • Salientar os perigos da imposição do estereótipo através da experiência da própria apresentadora. Citar exemplos de preconceitos ou suposições como “Você deve saber sambar porque é brasileira”. | |

Comentários dos participantes

A medida que eu circulava na lista dos estereótipos que os brasileiros têm dos japoneses, percebi que muitos deles não se aplicam a mim. Com isso, confirmei de que nem sempre os estereótipos são verdadeiros.

O conteúdo foi de fácil compreensão e a atividade serviu como introdução para repensarmos nos estrangeiros residentes no Japão.

Conheço muitos brasileiros, portanto, tenho várias imagens a respeito deles. Mesmo assim, esta atividade pode ser utilizada como uma das formas de quebrar o estereótipo.



| | | |
|-----------------------|---|--|
| <input type="radio"/> |  | Nome: Yukio Silva |
| <input type="radio"/> | | Idade: 23 |
| <input type="radio"/> | | Nacionalidade: Brasileira |
| <input type="radio"/> | | Origem étnica: Japonesa, alemã, turco, espanhol, |
| <input type="radio"/> | | indígenas da América Latina |
| <input type="radio"/> | | Facilitador Multicultural |
| <input type="radio"/> | | |
| <input type="radio"/> | | |

“Nasci no Brasil, país de sociedade multiracial”

Nasci. Há exatamente 23 anos, eu me encontrava numa sociedade na qual vivem brancos, negros, enfim, pessoas de diversas raças, e inclusive a minha própria família era de origem miscigenada do ocidente e oriente.

Os avôs maternos possuem suas origens no Japão, o avô paterno têm ascendência da Espanha e de indígenas da América Latina, e a minha avó é mestiça da Alemanha e Turquia. Então, assim que comecei a andar, já sentia diferenças quando os encontrava, com suas influências do ocidente e oriente, tanto nos costumes e na alimentação.

Na casa dos avôs paternos, a culinária era brasileira, mas muitas vezes alemã também. Dependendo do dia, sopa com batata cozida e salsicha, ou então, salsicha grelhada. Os pratos eram sempre cheios e saudáveis, desde arroz branco a legumes.

A minha avó adorava fazer guloseimas, então sempre havia doces, bolos e biscoitos típicos da Alemanha. Não me recordo direito da comida turca, mas lembro-me de ter tomado muito café, o qual era muito doce. Será influência do café turco?

Meu avô tocava música desde jovem, inclusive teve a oportunidade de lançar discos. Quando tocava guitarra acústica na sala, às vezes parecia estar recordando algo. Nessa hora, senti que “O que pode ser compartilhado como seres humanos, independente de raça, geração, tempo e idioma, é a música!” Aliás, talvez foi a partir desse momento que despertou meu interesse pela música. A influência dos costumes que por vezes rigorosos e tradições alemãs eram fortes, mas agora vejo que algumas são similares com os do Japão.

Mudando de assunto, falarei sobre os meus avôs maternos.

Ao abrir a porta, logo na entrada há um altar de madeira. Já dentro da casa, havia comida japonesa como picles, algas marinhas, e aparelhos eletrônicos japoneses (panelas de arroz, videocassete, entre outros). Eles gostavam de ler notícias do Japão e do Brasil através do jornal São Paulo Shimbun e da revista Made in JAPAN.

De alguma forma, eles estavam a par do Japão, mas é na alimentação que mais me surpreendia. A minha avó colocava arroz branco, sopas e legumes em pequenas fatias que eram servidos separadamente em cada tigelinha. Nas refeições, usavam dois palitinhos para comer. Só depois fiquei sabendo que eram os “pauzinhos”. Ela costumava dizer que a refeição dos meus avôs paternos era “comida para porco”, pois o prato era cheio, misturado com arroz e legumes.

Meu avô veio ao Brasil como jornalista, mas também era escritor. Até os seus últimos anos, escrevia sob o pseudônimo “Bessho Shinnosuke”. Ele ensinou-me de que os escritores possuem sensibilidade e imaginação própria, e dizia “Leia um livro, compreenda-o e faça críticas”. Minha admiração pela língua japonesa e o sonho de conhecer o Japão foram incutidos pelo meu avô.

Tive muitas experiências inéditas quando ia na casa dos meus avôs paternos. Quanto mais comparava, mais percebia a diferença entre o ocidente e o oriente. Adorava quando a concepção da “lógica” era derrubada. E apesar das diferenças, conseguia aceitá-las.

Então, na idade em que ingressei na escola, conheci colegas de origens européia, asiática e africana. Brincava com todos eles e isso nos incentivava a estudarmos juntos.

Após alguns anos, era o momento de deixar o Brasil e seguir rumo ao Japão, país dos meus avôs.

Nessa época, a situação econômica do Brasil estava piorando e não havia serviço. Por outro lado, o Japão estava com escassez de mão-de-obra. Meus pais resolveram deixar o Brasil ao ver que a inflação ultrapassava 2000%, e decidiram vir ao Japão, onde o irmão da minha mãe já estava trabalhando.

Nessa época, logo após completar 10 anos de idade, nunca imaginaria o que estaria por vir.

Destino : Japão, país que fica no outro lado do planeta.

País dos meus ancestrais, os quais tiveram árduas experiências no Brasil mas que não puderam retornar.

E... após 10 anos...

Estou vivo, no país onde meus avôs nasceram...Japão.

Ao fazer retrospectiva da minha vida, percebi que realmente foi triste. Quando ficava comovido, as lágrimas rolavam pelo meu rosto.

Normalmente as pessoas me tratavam como japonês, mas uma das coisas que falavam quando algo saía errado era...“Estrangeiro não presta!”

Mas o que será que está errado? Será que qualquer coisa que um estrangeiro faça está errado? Até hoje não entendo o real significado da palavra *DAME*, mas sei que atinge no fundo do coração. Foi a primeira vez que soube da existência de uma palavra que possui tamanha capacidade de negar toda a existência de uma pessoa de uma forma abstrata. Detesto quando falam assim sem fundamentos.

Na verdade, não construo relacionamentos com facilidade. Entretanto, no passado havia conhecido um rapaz japonês e as nossas conversas se estendiam a assuntos relacionados a japoneses e estrangeiros. Ele não tinha amigo estrangeiro e tampouco eu, um amigo japonês. Então, disse ele “Não me importo se você é brasileiro ou não, pois mesmo que eu queira mudar a minha nacionalidade, não poderia. E não existe nenhum outro Silva Yukio. Você é único. E além do mais, quero me tornar seu amigo como um ser humano”. Ao ouvi-lo, foi a primeira vez que senti o reconhecimento como ser humano. E claro, ele ainda hoje é meu amigo.

Ao mesmo tempo em que acontecimentos bons ocorriam, os ruins também...

Até hoje ainda penso no significado da minha vinda ao Japão. Será destino, ou então...

Bom, se existe o destino, quero provar o contrário! Na verdade, meus avôs já faleceram, mas puderam me despedir saudavelmente até o último momento antes da minha viagem ao Japão.

Na partida, veio à minha mente a probabilidade de que vindo ao Japão, jamais os veria novamente. O avô por parte da minha mãe faleceu logo em seguida, e após quatro anos, o avô paterno. Eles despediram-se de mim, mas eu não pude despedir deles. Esse foi o acontecimento mais triste após ter deixado o Brasil.

Quando eu era criança, meus pais costumavam dizer “Não permitirei se você brigar na escola, perder e voltar para casa chorando! Vá à luta! Você não pode perder !” Nos primeiros dias no Japão, sem conhecer o idioma e os colegas, eu queria sobreviver de alguma forma nem que fosse apenas na aparência física. Daí, estava ficando cada vez mais forte, e toda vez que havia algum problema nos relacionamentos, ao invés de falar, usava os meus braços.

Mais ou menos na época em que estava no colegial, os meus pais disseram-me o seguinte “Você costuma machucar as pessoas, mas já se colocou no lugar deles? Por que você sempre quer resolver no braço? Mesmo que esteja certo, às vezes poderá estar errado. Já pensou nisso? Você tem boca para quê?” Foram essas palavras que me fizeram refletir.

Foi daí que pela primeira vez, percebi que estava na posição de uma minoria estrangeira, cujos valores e costumes eram diferentes. Já cheguei a brigar seriamente devido a mal entendimento de ambas as partes.

À medida em que os anos se passavam, comecei a distinguir coisas que “não sabia” das que “não enxergava”.

Por exemplo, quando morava em Kansai, não havia brasileiros, ou melhor, uma comunidade brasileira. Portanto, não tinha conhecimento das dificuldades, insatisfações e sofrimentos que aflingiam os brasileiros. Nessa época, tracei um novo caminho e procurei fazer muitas amizades, me integrando na vida cotidiana da região de Kansai a fim de tranquilizar os meus pais e obter reconhecimento da comunidade local.

No entanto, ao me mudar para Hamamatsu, pela primeira vez fiquei sabendo da existência da comunidade brasileira e que a grande maioria trabalha em fábricas. E foi a primeira vez também, que conheci pessoas marginalizadas e crianças que não conseguiam se adaptar na escola japonesa, sofrendo *bullying* (maus-tratos) e discriminações.

Então, comecei a questionar o que será que as pessoas da minha faixa etária estariam pensando a respeito de sua própria identidade e sonhos, enfim, como poderia trocar idéias com eles?

Foi assim que resolvi participar do Programa de Facilitador Educacional Multicultural. Eu achava que era como se fosse aqueles seminários de compreensão internacional, mas estava redondamente enganado. O estilo era totalmente diferente. Bom, pra começar, todas as aulas foram ministradas em inglês, com lições de casa e reflexões sobre suas origens e identidade. Nós pudemos falar de igual para igual, sem preconceitos baseado na aparência física, e o Sr. Jon me tratou como se fosse seu filho.

Todos tinham consciência dos problemas atuais que afligem os estrangeiros no Japão. Mas havia um rapaz com convicções firmes e que merecia respeito. Ele nos contou a história sobre os refugiados do Vietnã e também a respeito da comunidade vietnamita no Japão. Seu nome é Hyoma, uma pessoa admirável e que me estimulou bastante.

Conhecer pessoas, criar laços, incentivar e ser incentivado foram um dos motivos pelos quais resolvi participar do curso. Dialogar seriamente sobre a convivência multicultural e identidade também foram um dos motivos, assim como conhecer as trajetórias de jovens como eu.

Ao fazer esse curso, amadureci. Aprendi muitas coisas. Além do TCK (*Third Culture Kids*), existem muitas maneiras de enxergar o multiculturalismo, tais como o lado positivo e o negativo, e que jamais deveremos definir uma pessoa pela sua aparência ou nacionalidade, e que de nada adiantaria todo o conhecimento se não colocá-los em prática.

“Agir antes de pensar”

“Ao invés de ficar matutando, simplesmente faça”

No transcorrer do curso, lembro-me dessas duas frases, colocando-as em prática na minha vida também.

“Questão intrigante”

Na medida em que fui me tornando um facilitador, algo em mim começou a “arder” no meu coração ao tomar consciência dos acontecimentos do mundo... Era a minha... “questão intrigante”...

Se futuramente o Japão queira construir uma convivência harmoniosa com os estrangeiros, é necessário encarar os problemas sem superficialidades. É necessário atingir a raiz dos problemas, caso contrário, não irá adiantar nada.

Por exemplo, se a meta de uma classe for “Ser amigável com todos”, todos irão tentar cumprir a meta, mas no fundo, ainda haveria atitudes preconceituosas e discriminatórias, fazendo-se com que na prática, o “Ser amigável com todos” não seja totalmente cumprida.

Há momentos em que escutamos palavras “inglês”, “estrangeiro” ou “multicultural”, as quais são consideradas “bonitas”, mas devido à ignorância, pode-se levar também ao “preconceito”, “discriminação” e “mal-entendidos”.

Mesmo que pensemos “Não quero me intrometer, pois é assunto delicado”, ou “Os estrangeiros estão em dificuldades, tenho de ajudá-los”, o mundo nunca vai mudar. Gostaria que encarassem mais os fatos. Existem muitas barreiras para que possamos enxergar de *gaijin* para *gaikokujin*, de *gaikokujin* para brasileiro, e de brasileiro para Yukio Silva. Assim, começaremos a enxergar as pessoas como elas são.

Daqui pra frente, é a época da “Convivência Multicultural”. Palavras que valorizam uma nova cultura, valores e descobertas. Mas acredito que na prática será bem mais difícil. Acolher valores e culturas diferentes fazem emergir também os conflitos e atritos de pessoas próximas a nós, começando-se pela raiva, ansiedade, insatisfação. Ou seja, a minha luta será ainda mais. Só devo agradecer pela oportunidade de crescimento que recebi. Não sei o que será daqui para frente, mas ao invés de pensar, acredito ser mais viável agir. A partir de agora, expressarei meus pensamentos em diversas ocasiões.

A princípio, quero dialogar com diversas pessoas, para que assim possam nos compreender e na melhor das hipóteses, nos aceitar. Em suma, quero fazer o que está a meu alcance.

(Tradução da versão original em japonês)

Atividade: O que significa “Imigrar-se”?

1. Meta

Obter uma melhor compreensão do significado de imigração, incluindo-se os problemas enfrentados por filhos de imigrantes como crise de identidade e semilinguismo.

2. Apresentador

Yukio Silva

3. Público-alvo

A partir do colegial a adultos em geral

4. Duração

30 minutos

5. Quadro de programação

| Duração | Objetivo | Descrição | Preparativos |
|---------|--|--|---|
| 10min. | <ul style="list-style-type: none"> Entendimento a respeito da imigração através da auto-apresentação e explanação de suas próprias origens étnicas | <ul style="list-style-type: none"> Auto-apresentação Explanação sobre os nikkeis do Brasil. “Também sou um deles, porém, não aparento brasileiro e nem japonês. Quem sou? De onde vim?” Desenho da árvore genealógica da sua família (com fundo musical) [Japão] [Alemanha] [Turquia] [Espanha] [Indígena] Imigrantes do Japão ao Brasil Vinda dos nikkeis do Brasil ao Japão (Explanação sobre alteração da lei de imigração e deterioração da economia brasileira) | <ul style="list-style-type: none"> Lousa Pincel atômico Som Nome dos países Fita adesiva |
| 10min. | <ul style="list-style-type: none"> Reflexões no tocante à educação dos filhos de imigrantes | <ul style="list-style-type: none"> “Se tiver que imigrar, em qual escola matricularia o seu filho? Escola japonesa ou do país acolhedor?” → Debate em grupo → Anunciar a todos | <ul style="list-style-type: none"> Folha A3 |
| 10min. | <ul style="list-style-type: none"> Melhor compreensão dos problemas enfrentados pelos imigrantes de segunda geração, tais como crise de identidade e semilinguismo. | <ul style="list-style-type: none"> Explanação sobre os problemas dos filhos de imigrantes <ul style="list-style-type: none"> Semilinguismo (Pouca desenvoltura em ambas as línguas ou incondizente à idade, causando limitações tanto na língua materna quanto na língua estrangeira.) Identidade instável (Diferenças na aparência e no modo de pensar) | |

Comentários dos participantes

A explanação através da árvore genealógica, além de facilitar a compreensão, teve um grande impacto em mim. Normalmente, os japoneses não dão muita importância para sua árvore genealógica, o que faz com que seja difícil imaginar como a miscigenação ocorre através da imigração. Mas agora, eu tenho uma pequena noção de como isso ocorre.

Senti impacto muito forte ao escutar diretamente de um filho dos imigrantes. Muitas pessoas disseram que estão torcendo para que você se torne um modelo às crianças brasileiras.

Foi impressionante o apresentador dizer em suas próprias palavras de que tem dúvidas quanto a sua identidade.



| | | |
|-----------------------|---|--|
| <input type="radio"/> |  | Nome: Hyoma Takahashi (Nguyen Khanh Thien) |
| <input type="radio"/> | | Idade: 27 |
| <input type="radio"/> | | Nacionalidade: Japonesa |
| <input type="radio"/> | | Origem étnica: Vietnamia |
| <input type="radio"/> | | |
| <input type="radio"/> | | Facilitador Multicultural |
| <input type="radio"/> | | |

Motivo de ter participado do Programa de Facilitador Educacional Multicultural

Resolvi participar porque queria sanar dúvidas sobre a minha própria identidade e obter algumas orientações para lidar com isso.

Em 1982, aos três meses de idade, vim ao Japão como refugiado da Indochina. Desde criança fui criado no ambiente onde só haviam japoneses, pois os meus pais queriam que eu mantivesse uma certa distância da comunidade vietnamita para que assim, pudesse viver no Japão de forma independente. Isso me fez com que não indagasse profundamente a respeito de minha própria identidade, pois fui criado como “japonês”, e eu também me considerava como ...“ japonês”. Mas quando estava para sair a minha naturalização e vi que a partir de amanhã me tornaria japonês, foi a primeira vez que questionei “Será que é tão simples assim?”. Até então eu vivia como um japonês, mas ao mesmo tempo, tinha consciência do lugar onde nasci que é Vietnã, e que assim como os meus pais possuía costumes e valores de um vietnamita. Mas no fim das contas, não consegui chegar a conclusão nenhuma, então escolhi ser “japonês”.

Apesar da incerteza a respeito da minha identidade, comecei a trabalhar numa firma localizada na região de Kansai como “japonês”. Foi então que conheci a comunidade vietnamita. Eles não escondiam as suas origens. Ao mesmo tempo em que os admirava, no fundo sentia inveja. E assim, novamente cresceu em mim a relutância de me auto-denominar “japonês” , mas ao mesmo tempo não me identificava como um vietnamita, pois não falo o idioma, tampouco conheço o país.

Morava longe de Hamamatsu, na região de Kansai, e decidi aproveitar esta oportunidade para preencher o espaço vazio do meu lado vietnamita, retornando para a cidade onde minha família reside.

Quando pensava no que podia fazer a respeito disso, soube deste Programa. E como ouvi dizer que haviam jovens de outras nacionalidades, quiz saber suas opiniões.

■ O que aprendi no curso

Aprendi muita coisa. Uma delas é “enquanto disser que não dá para fazer isso ou aquilo, não dá para fazer nada”.

Não importa o quanto tempo leve ou onde quer que eu esteja, jamais poderia mudar o fato de eu ser um estrangeiro. Esse fato me deixava inseguro, pois não sabia até quando essa questão iria me infligir. Na verdade, na firma onde trabalhava anteriormente, os funcionários diziam “Estrangeiros são desleixados, não dá para confiar”, ou “Não deleguem tarefas difíceis”. No dia-a-dia, a discriminação é algo comum. Fiquei muito abalado e perturbado ao me deparar nesse ambiente. Afinal, para emitir palavras ignorando-se sentimento de “dor”que qualquer ser humano possa sentir,

significa que para essas pessoas a presença de estrangeiros ainda é distante e é também como se estivessem nos inferiorizando. Com isso, comecei a ter dúvidas se eles mudariam de atitude caso descobrissem de que sou vietnamita. Se a discriminação em relação aos estrangeiros é inconsciente, não será fácil mudá-la. Acho que é necessário tempo e paciência para fazer a mudança. Entretanto, sou apenas funcionário de uma empresa. Tenho minha vida e trabalho. Levantar a voz e retrucar, era algo muito arriscado e provavelmente sem resultados. Portanto, não vi saída a não ser continuar trabalhando nessa mesma empresa.

Acredito que estrangeiros de outros países também toleram discriminação, aceitando-o como óbvio. Como sou inferiorizado, não vejo probabilidade de me escutarem, e dependendo, pode até ser perigoso. E é por esse motivo, que a opção pelo “silêncio” vai crescendo gradualmente. A fim de nos ajustarmos à sociedade, às vezes é necessário mentir para si mesmo, ficar insensível para não se machucar, fechar os olhos para o conflito e a violência, e por fim, compartilhar a solidão e a solidariedade existente numa pequena comunidade. Assim, o propósito da vida vai se desvanecendo, tomando formas diferentes. Por mais que eu queira fazer algo, na posição de minoritário na qual me encontro, acabo desistindo e alegando que “Não há nada que eu possa fazer”.

A ação de uma pessoa tem suas limitações, mas acredito na possibilidade da capacidade ilimitada.

Durante o curso, meu sentimento com relação a esse assunto foi se intensificando. Contactei um programa de televisão a fim de questionar aos japoneses da minha geração “O que poderia ser feito para facilitar a vida dos estrangeiros que residem no Japão” e transmitindo-se assim, à sociedade japonesa, através da mídia.

Percebi que todos são indiferentes em relação aos “estrangeiros. A princípio, haviam comentários como “Não tenho preconceito”, “quero aceitar”, “Tenho amigo estrangeiro e o trato como japonês”. Estas afirmações podem parecer amigáveis, mas se analisadas, elas são superficiais, como se o problema fosse dos outros. E à medida que fomos ampliando a discussão, surgiram comentários de que existem atritos ocasionados pelas diferenças culturais e que os estrangeiros realizam trabalhos com salários mais baixos, ocasionando redução na carga horária do trabalho dos japoneses, e conseqüentemente, redução nos preços. Assim, quando comecei a lidar diretamente com os estrangeiros, o que escutei foi “Uma das causas pela queda nos custos de produção industrial foi a contratação de estrangeiros”. Em suma, “Se vocês estão afligindo os trabalhadores japoneses, voltem ao seu país!” ou “Vocês dão muito trabalho!”, entre outros. Fiquei perplexo ao escutar essas afirmações. Me decepcionei ao saber que não havia diferença de opiniões mesmo em outra região. Os estrangeiros estão expostos à violência e para que isso seja amenizado, eu tinha a esperança de que pelo menos uma pessoa compreendesse a nossa situação e nos encorajasse, mas no fim das contas, haviam mais pessoas contra do que a favor. Para ser sincero, uma tênue esperança que tinha foi esmagada ao encarar a realidade. Pensei comigo, “Por que eles não compreendem?”, “Será que estou enganado?” Fiquei entristecido e desanimado e não conseguia pensar em mais nada.

Entretanto, não desisti, pois sei que outras pessoas como eu, estão na luta em prol de suas convicções. Tenho gratidão pelas pessoas que me apóiam, e sinto que não estou sozinho nessa luta. Muitos recusam a mudar o ponto de vista, portanto, acho melhor deixar de lado essas pessoas e unir forças para agir com aquelas que possuem compreensão e interesses em comum. Conheço minhas limitações, mas mesmo que haja uma pequena mudança já é o bastante, pois o importante é não desistir.

Na verdade, é injusto afirmar que ninguém tem interesse nos problemas alheios. Afinal, todos pensam com seriedade assuntos de seus interesses como deficiência física, empregos, artes tradicionais, e outros.

Pelo fato da sociedade estar se tornando cada vez mais complicada, acredito que os problemas pessoais acabam se tornando redundante.

Mesmo que um determinado problema seja solucionado, não quer dizer que será feliz. No entanto, ao amenizar os seus problemas pessoais por mínimos que sejam e mesmo que eles não estejam correlacionados, com o passar do tempo, contribuirá para o caminho da felicidade.

Descobri através de seminários de compreensão internacional e programas de televisão que a sociedade é mais negativa do que imaginava. Porém, a partir da minha ação, algumas pessoas começaram a ter interesses em questões que envolvem estrangeiros ou o Vietnã. Daí a importância de agir mesmo, com recursos e tempo limitados, afinal, existem coisas que só você pode fazer. Ao invés de estar sempre envolvido apenas no seu próprio problema, é importante participar ativamente em questões sociais também, colocando-se na balança o que irá fazer, deixar claro o que quer e pedir apoio.

■ “Desejo ardente”

O meu desejo é ... “Quando alguém da comunidade vietnamita se tornará famoso?”

Atualmente, muitos vietnamitas trabalham em fábricas. Os seus filhos, ao observarem isso vão se espelhar neles. Inclusive eu, quando criança, via meus pais, parentes e vários outros trabalharem em fábricas. Obviamente, não estou criticando àqueles que escolheram esse caminho. Entretanto, sinto que isso acaba limitando opções. Tanto é que desde criança, sempre achava que o meu sonho era pobre e o meu futuro restrito.

Quando criança, podemos cometer erros, e não é necessário ter um sonho, pois à medida em que amadurecemos, conhecemos as nossas capacidades. Em suma, acho que esta é uma fase para soltar a imaginação. Entretanto, infelizmente a realidade nos impõe a não pensar e conseqüentemente a não fazer nada.

O fato de muitos trabalharem em fábricas, cria uma imagem de que naturalmente seja o seu caminho também. As crianças não tem com quem se espelhar a não ser um operário de fábrica. Portanto, se surgisse alguém em outro ramo, elas vão pensar que existem outras carreiras.

Essa minha opinião nasceu pelo fato dos meus pais, desde criança, me permitirem fazer o que eu bem entendesse. Estudei em escola que escolhi e fiz curso profissionalizante que almejava também. Até mesmo em relação ao trabalho, consegui me empregar na firma onde queria. O motivo é que os meus pais foram privados de estudar devido a Guerra do Vietnã, e como eles não queriam abandonar os estudos, todo esse sentimento foi passado para mim e para minha irmã.

Após a Guerra, eles foram impostos a viverem como derrotados e fizeram trabalho forçado para sobreviverem. Inclusive foram criticados por outros vietnamitas por não nos tirar da escola. Eles diziam que para ajudar os pais, era melhor trabalhar do que estudar. Entretanto, meus pais não queriam que passássemos pela mesma experiência. Então, mesmo sob críticas não mudaram de opinião em relação aos estudos, para que assim, futuramente pudéssemos viver num ambiente onde haja liberdade de pensamento.

Enfim, aprendi bastante. Consegui obter conhecimento e sabedoria e tornei-me uma pessoa capaz de exprimir opiniões para a sociedade. Por isso, acho essencial a criação de ambiente onde as crianças possam se expressar livremente, e que com isso quem sabe haja mudanças em relação aos estrangeiros também.

Atualmente, muitas crianças estrangeiras não conseguem progredir na escola da forma que gostariam. Ao continuar afirmando que são incapazes, não haverá mudanças. Além do mais, para incentivá-las, é necessário ter uma pessoa como modelo para se espelharem. Se conhecerem alguém na qual possam afirmar “Quero ser como esta pessoa”, tanto os pais quanto as crianças, poderão ter uma visão mais positiva com relação ao futuro. Portanto, o ideal seria que essa pessoa proporcionasse uma forte influência. Quanto mais pessoas puder influenciar, maior será o efeito.

A luta pelos seus sonhos nessa sociedade, não depende de nacionalidade ou origem étnica. Não gostaria que as crianças reprimissem seus sonhos, sejam elas japonesas, estrangeiras ou vietnamitas. Quero que elas saibam de que não fazer nada é mais perigoso do que praticar uma ação. Para isso, sei que preciso tomar atitude a começar pela sociedade onde vivo, levantando questões. Com isso, acredito que a sociedade japonesa irá se transformar, onde pessoas de diversas etnias e nacionalidades possam ser elas mesmas e viver em harmonia. Como resultado, enquanto pudermos encorajá-los nem que seja um pouco, as crianças serão incentivadas a batalhar pelos seus sonhos, e isso é algo imensurável.

(Tradução da versão original em japonês)

Atividade: O que você sabe sobre os “refugiados vietnamitas”?

1. Meta

Aprofundamento da compreensão a cerca dos vietnamitas refugiados no Japão. A explanação é feita pelo próprio refugiado, transmitindo sua mensagem à sociedade japonesa para uma reflexão de como interagir com os estrangeiros.

2. Apresentador

Hyoma Takahashi (Nguyen Khanh Thien)

3. Público-alvo

A partir do colegial a adultos em geral

4. Duração

30 minutos

5. Quadro de programação

| Duração | Objetivo | Descrição | Preparativos |
|---------|---|--|--|
| 10min. | <ul style="list-style-type: none"> • Introdução do Vietnã | <ul style="list-style-type: none"> • Auto-apresentação • Introdução do Vietnã através do Power Point → Entrega do material → Degustação do café vietnamita e do chá de lótus. | <ul style="list-style-type: none"> • PC (Power Point) • Projetor • Tela • Material introdutório sobre Vietnã (distribuir para cada participante) • Café do Vietnã • Chá da Flor de Lótus |
| 5min. | <ul style="list-style-type: none"> • Compreender a causa de se refugiar | <ul style="list-style-type: none"> • Perguntar o que vem à mente quando escuta a palavra “Refugiado”? → Escrever na folha a imagem dos “Refugiados”.  | <ul style="list-style-type: none"> • Folha “Refugiados” (1 por grupo) • Caneta |
| 15min. | <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer os seus efeitos e resultados ao “Abandonar o país” | <ul style="list-style-type: none"> • Particularidades daqueles que fugiram de seu país <ul style="list-style-type: none"> • Trechos do artigo • História de seus país • O que aconteceu com as pessoas que vieram ao Japão <ul style="list-style-type: none"> • A minha história • Mensagem • O que aprendeu de novo no tocante aos “Refugiados” → Pedir para escrever novamente na folha “Refugiados” | |

Comentários dos participantes

Senti dificuldades de escrever sobre “Refugiados”. E isso me fez perceber o quanto desconhecia sobre o assunto.

Há muitas coisas que fiquei sabendo hoje pela primeira vez a respeito dos refugiados e da Guerra do Vietnã. Gostaria de saber mais.

Percebi que tanto eu como a sociedade japonesa, carecemos de compreensão para acolher as pessoas que decidiram vir como “refugiados”. Ao escutar do próprio refugiado os sentimentos de querer se tornar membro da sociedade japonesa, pude refletir como a nossa sociedade poderia mudar para acolhê-los.

